

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

CLAYTON MARTINS DOS SANTOS SILVA JÚNIOR

**SOCIALIZANDO NA PRAÇA DA MATRIZ EM VITORIA DE SANTO ANTÃO:  
narrativas visuais e memórias numa cidade do interior de Pernambuco**

Recife  
2024

CLAYTON MARTINS DOS SANTOS SILVA JÚNIOR

**SOCIALIZANDO NA PRAÇA DA MATRIZ EM VITORIA DE SANTO ANTÃO:  
narrativas visuais e memórias numa cidade do interior de Pernambuco**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Sergio Neves Dantas

Recife

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva Júnior, Clayton Martins dos Santos .

Socializando na Praça da Matriz em Vitoria de Santo Antão: narrativas visuais e memórias numa cidade do interior de Pernambuco / Clayton Martins dos Santos Silva Júnior. - Recife, 2024.

49p : il.

Orientador(a): Sergio Neves Dantas

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Ciências Sociais - Licenciatura, 2024.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Sociabilidade. 2. Sociologia Urbana. 3. Antropologia. 4. Etnografia. I. Dantas, Sergio Neves . (Orientação). II. Título.

300 CDD (22.ed.)

CLAYTON MARTINS DOS SANTOS SILVA JÚNIOR

**SOCIALIZANDO NA PRAÇA DA MATRIZ EM VITORIA DE SANTO ANTÃO:  
narrativas visuais e memórias numa cidade do interior de Pernambuco**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Sociais.

Aprovada em: 01/10/2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Sergio Neves Dantas (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Alex Giuliano Vailati (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profª Drª Tatiane Oliveira de Carvalho Moura (Examinadora Externa)  
Instituto Federal de Pernambuco

## **AGRADECIMENTOS**

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso não teria sido possível sem o apoio e a colaboração de várias pessoas e instituições, a quem devo meus sinceros agradecimentos.

À minha família, especialmente aos meus pais, por apoiarem minhas escolhas, como cursar Licenciatura em Ciências Sociais, mesmo que até hoje não entendam completamente o curso e a área que escolhi. Agradeço ao meu pai, que, apesar das incertezas e da falta de referência familiar me apoiou e demonstrou acreditar em mim. Agradeço também à minha mãe, que, mesmo com o ensino fundamental incompleto, sempre soube da importância da educação, desejou o melhor para mim, esteve presente desde a escola e me deu broncas nos momentos necessários.

À minha irmã Camylla, por estar sempre presente, especialmente nos últimos anos, perguntando incessantemente quando eu terminaria este trabalho de conclusão de curso. Agradeço por todo o apoio que recebi de você, por acompanhar e me inspirar com sua própria jornada. De certa forma, esta conquista também é por você, por tentar ser a referência que gostaria de ter tido.

À minha noiva Larissa, por ser uma constante fonte de inspiração, pelo carinho, compreensão e encorajamento em todos os momentos. Sua presença e apoio foram essenciais para que eu pudesse concluir este trabalho. Seu suporte foi fundamental ao longo dessa jornada, especialmente nos momentos em que o desânimo prevalecia e você me impediu de desistir.

Ao meu grupo de amigos do curso, o Kula (Akyla, Artur, Débora, Denilson, Eduarda, João Pedro e Rayza), por compartilharem momentos de aprendizado, colaboração e amizade. Não sei dizer se conseguiria concluir esse curso sem o Kula, e posso afirmar que não teria aproveitado nem metade do que vivi e aprendi na universidade sem a presença de vocês.

Ao meu orientador, Professor Sérgio, pela orientação, paciência e valiosas contribuições ao longo deste trabalho. Sua sabedoria e dedicação foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

À Universidade Federal de Pernambuco e ao meu departamento, pela oportunidade de realizar esta pesquisa e pelo suporte acadêmico e estrutural

fornecido ao longo do curso. Além de todas as políticas públicas que permitiram a minha manutenção na universidade.

Um agradecimento especial aos moradores de Vitória de Santo Antão e aos frequentadores da Praça da Matriz, que gentilmente compartilharam suas experiências e memórias comigo, enriquecendo este estudo com suas valiosas histórias de vida.

Por fim, agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. Sem o apoio e a colaboração de cada um de vocês, este projeto não teria sido possível.

Muito obrigado!

## RESUMO

Este trabalho investigou as interações entre os atores na Praça da Matriz, analisando suas múltiplas redes, formas de sociabilidade, interdependências, estilos de vida e conflitos que emergem nas relações e nas maneiras de ocupar o espaço físico e social deste importante cenário urbano para a cidade de Vitória de Santo Antão – Pernambuco. A metodologia adotada baseou-se em abordagens qualitativas, incluindo revisão da literatura, observação participante, fotoetnografia e análise de dados. Por meio desses métodos, foi possível identificar os diferentes atores que frequentam a Praça da Matriz, suas conexões sociais e a forma como interagem entre si. Em suma, este estudo enriquece as discussões tocantes ao urbano e da identidade coletiva, ao explorar as complexas interações sociais, redes e formas de sociabilidade. Pois, a análise das dinâmicas presentes no espaço público permite compreender a importância desse local como palco de conexões humanas, construção de identidades e expressões culturais, bem como a relevância das relações sociais na configuração do espaço urbano. O trabalho contribui para uma reflexão mais profunda sobre as complexidades da vida social na cidade e a influência dessas interações no cotidiano dos indivíduos que compartilham esse espaço público.

**Palavras-chave:** Formas de sociabilidade; Identidade Coletiva; Antropologia Urbana; Etnografia urbana; Interações Sociais.

## ABSTRACT

This work investigated the interactions between the actors in Praça da Matriz, analyzing their multiple networks, forms of sociability, interdependencies, lifestyles and conflicts that emerge in the relationships and in the ways of occupying the physical and social space of this important urban scenario for the city. from Vitória de Santo Antão – Pernambuco. The adopted methodology was based on qualitative approaches, including literature review, participant observation, photoethnography and data analysis. Through these methods, it was possible to identify the different actors who frequent Praça da Matriz, their social connections and the way they interact with each other. In short, this study enriches the discussions regarding the urban and collective identity, by exploring the complex social interactions, networks and forms of sociability. Therefore, the analysis of the dynamics present in the public space allows us to understand the importance of this place as a stage for human connections, construction of identities and cultural expressions, as well as the relevance of social relations in the configuration of urban space. The work contributes to a deeper reflection on the complexities of social life in the city and the influence of these interactions on the daily lives of individuals who share this public space.

**Keywords:** Forms of sociability; Collective Identity; Urban Anthropology; Urban ethnography; Social Interactions.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeira página das avaliações da praça no Google Maps .....	23
Figura 2 - Segunda página das avaliações da praça no Google Maps .....	24
Figura 3 - A caminho da Praça.....	29
Figura 4 – Principal Entrada.....	30
Figura 5 - Área onde a prefeitura interrompe o fluxo de automóveis.....	30
Figura 6 - A parte central da Praça.....	31
Figura 7 - Coreto próximo a Igreja Matriz .....	31
Figura 8 - Parque infantil .....	32
Figura 9 - A Igreja Matriz (em dia de casamento) .....	32
Figura 10 - Os bares e conveniências.....	33
Figura 11 - A perspectiva de dentro de um estabelecimento que fica na praça .....	33
Figura 12 - Local próximo ao clube O Leão .....	34
Figura 13 - O coreto próximo a principal entrada .....	34
Figura 14 - Entre o coreto e os quiosques.....	35

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 HORIZONTES TEÓRICO METODOLOGICOS .....</b>	<b>13</b>
1.1 A ETNOGRAFIA REALIZADA NA PRAÇA DA MATRIZ .....	13
1.2 APRESENTANDO OS DADOS EM FORMA DE NARRATIVA VISUAL.....	16
<b>2 UMA ANTROPOLOGIA NA CIDADE.....</b>	<b>19</b>
2.1 A PRAÇA DA MATRIZ E O IMAGINÁRIO.....	19
2.2 PRAÇA DA MATRIZ: ALMA DA CIDADE .....	26
<b>3 A PRAÇA DA MATRIZ .....</b>	<b>29</b>
3.1 FOTOETNOGRAFIA DE UM SÁBADO A NOITE EM VITÓRIA DE SANTO ANTÃO .....	29
<b>4 REVISITANDO A PRAÇA DA MATRIZ COM UM OLHAR APOIADO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS .....</b>	<b>36</b>
4.1 A CONFIGURAÇÃO SOCIAL DA PRAÇA DA MATRIZ.....	36
4.2 PLURALIDADE PRESENTE NA PRAÇA DA MATRIZ: COSTUMES DE CASA VÃO À PRAÇA	38
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>45</b>

## INTRODUÇÃO

A cidade de Vitória de Santo Antão está localizada na Zona da Mata, no estado de Pernambuco. Reúne uma população<sup>1</sup> estimada em 134 mil habitantes (IBGE, 2022), sendo assim um dos municípios mais populosos do interior do estado. Assim como ocorre em algumas outras cidades interioranas, Vitória de Santo Antão possui um quadrilátero social (LYRA, 2011) – formado pelas ruas principais, pela praça, pela feira e pela igreja matriz – importante para a construção de uma sociabilidade local.

Por mais que esses mesmos espaços também estejam presentes na capital do estado, é possível destacar que há uma diferença significativa entre a dimensão que esses lugares ocupam para com a vida da população interiorana, bem como, à proporção que alcançam enquanto um fator socializante. Isso significa a posição que eles ocupam como protagonistas da vida social na cidade.

O motivo condutor, neste trabalho de conclusão de curso, é a Praça Dom Luís de Brito, conhecida como Praça da Matriz, onde se situa como um epicentro vital na cidade. Historicamente, o desenvolvimento urbano é influenciado por uma miríade de fatores, abarcando aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos. Vitória de Santo Antão, por exemplo, tem sua origem datada em 1626, na margem do Rio Tapacurá, onde o português Diogo de Braga estabeleceu sua família e deu início a um pequeno povoado. Esse local, ao longo do tempo, evoluiu para a cidade que conhecemos hoje (ARAGÃO, 1983). Todavia, o núcleo do desenvolvimento da cidade se concentrou no bairro da Matriz. Aqui, uma capela foi construída, consagrada a Santo Antão<sup>2</sup>, seguindo uma tradição comum em muitas cidades que crescem a partir de uma igreja matriz. Esse fenômeno atesta o impacto significativo da igreja católica na moldagem do desenvolvimento das cidades.

Iniciada, como quase todas as cidades naturais, no Brasil, em torno da primitiva capelinha de Santo Antão, a qual era situada nas imediações da atual Matriz, estendeu-se a povoação, em terreno acidentado, no sentido leste-oeste, formando, em partes altas, dois bairros, separados, no centro, por ligeira depressão, por onde corre o riacho Roncador, tributário do Tapacurá. De um e outro lado da ermida, formaram-se alas de pequenas casas, fronteiras entre si, deixando, no meio, vasto pátio, limitado, no lado oposto à igreja, por outra linha de prédios voltados para o nascente. Temos

---

<sup>1</sup> Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/vitoria-de-santo-antao/panorama> > Acesso em: 30 de julho de 2023.

<sup>2</sup> Santo Antão, oriundo do Egito, é um santo cristão e também o padroeiro da colônia da Ilha de Santo Antão do Cabo Verde, de onde Diogo de Braga, navegador português, era natural (ARAGÃO, 1983).

aí configurado o Pátio da Matriz, hoje Praça Dom Luís de Brito, primeiro arruado da povoação iniciada por Diogo de Braga. (ARAGÃO, 1983. p. 32)

A formação de centros urbanos é uma característica comum a muitas cidades no Brasil. Geralmente, esses centros têm sua origem ligada a um ponto-chave, no caso da cidade em questão, a capela que hoje é a Paróquia de Santo Antônio, amplamente reconhecida como a Igreja da Matriz. O próprio bairro adotou o nome da igreja, tornando-o sinônimo da praça que se encontra em sua frente. Coincidentemente ou não, essa região é uma das áreas mais valorizadas da cidade, com custo por metro quadrado superior ao de outros bairros.

Refletir sobre a cidade envolve a consideração de suas dimensões espaciais e temporais. Portanto, é fundamental lembrar que as cidades se desenvolvem em espaços e períodos históricos específicos, onde as interações sociais moldam sua evolução e características (SILVA, 2005). Hoje, como mencionei anteriormente, a Praça da Matriz desempenha um papel central na vida social de Vitória de Santo Antônio, atraindo moradores de diversos bairros que se dirigem ao centro. Esse movimento é particularmente intenso aos sábados à noite, quando a praça se torna um ponto de encontro para uma variedade de razões.

“A cidade é também sociabilidade, ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos” (PENSAVENTO, 2005, p. 14). Dessa maneira, a Praça da Matriz é um epicentro cultural e social da cidade, em que atrai uma rica diversidade de grupos sociais, sendo um espaço frequentado por diversas pessoas de todas as idades, estilos de vida, gênero, raça, sexualidade e classe. É nesse ponto que surge meu interesse: explorar a experiência na praça e apresentar minha perspectiva socioantropológica sobre as dinâmicas sociais que ocorrem nesse ambiente, isto é, formas de sociabilidade que se gestam neste espaço.

Partindo da abordagem simmeliana, a sociabilidade é o estudo das formas e padrões de interação entre os indivíduos em um grupo social. Se concentra nas relações sociais, nos padrões de associação e interação, nos fenômenos sociais que ocorrem quando as pessoas se encontram, se conectam e se relacionam em grupos sociais (SIMMEL, 2006). Ou seja, são formas de sociabilidade como os moradores de Vitória de Santo Antônio se relacionam e interagem nesse espaço urbano central.

Em uma abordagem socioantropológica contemporânea, faço uso do conceito de sociabilidade para destacar uma razão particularmente significativa e, ao mesmo tempo, aparentemente trivial para a formação das relações sociais: a construção dessas relações por elas mesmas. Além disso, também exploro conflitos latentes ou manifestos que ocorrem nesses relacionamentos, envolvendo pessoas de todas as idades, estilos de vida, gênero, raça, sexualidade e classe.

Ao longo deste trabalho, analiso as múltiplas facetas da sociabilidade na Praça da Matriz utilizando da literatura, percursos autobiográficos, e fotografias, como recurso sensorial para enriquecer a representação da realidade para além da descrição puramente textual. Além disso, recorri a breve pesquisa em ambiente virtual: instantes capturados do Google Maps (print de tela). Sendo assim destaco aspectos como a diversidade de grupos presentes, os padrões de comportamento e de interação, os significados simbólicos atribuídos ao espaço e as formas como essas dinâmicas sociais são influenciadas por fatores socioeconômicos, culturais e históricos.

Dada a importância em que destaco a praça da matriz como espaço público inserido à vida urbana, as reflexões aqui lançadas poderão contribuir para publicizar sobre a relevância da Praça da Matriz como um patrimônio cultural e afetivo da cidade de Vitória de Santo Antão. Por meio dessa análise, esperamos oferecer insights valiosos para futuras intervenções e políticas urbanas que visem promover a inclusão social, fortalecer os laços comunitários e preservar a riqueza cultural dos espaços públicos em nossas cidades.

# 1 HORIZONTES TEÓRICO METODOLÓGICOS

## 1.1 A Etnografia realizada na Praça da Matriz

Para iniciar, é fundamental compreender uma transformação teórico-metodológica que aconteceu no campo da antropologia. Anteriormente, o objeto da antropologia se resumia aos povos ditos como primitivos, ao “outro” que está distante e/ou que é exótico. Ao longo dos anos, as perspectivas antropológicas foram se modificando, assim como novas áreas de investigação foram abertas. O sujeito urbano passou a ser um objeto da antropologia, pois o “outro” não tem que, necessariamente, estar distante do pesquisador.

Segundo DaMatta (1978), o ofício do antropólogo é de transformar o exótico em familiar; e transformar o familiar em exótico (DAMATTA, 1978). Em ambas as situações, é imperativa a presença simultânea dos dois termos - uma imersão nos dois domínios por um sujeito disposto a contextualizá-los e aprendê-los. Essas duas abordagens parecem seguir de perto os momentos cruciais da trajetória da antropologia, considerando que a conversão do exótico em familiar é sobre o movimento inicial da antropologia, caracterizado pelo estudo daqueles considerados completamente diferentes de nós. A segunda transformação, que consiste em tornar o familiar em algo exótico, é sobre o momento presente da antropologia, marcado por também tecer uma análise crítica de nossa própria cultura e sociedade contemporânea.

Partindo dessa perspectiva, ao analisar a Praça da Matriz, seria necessário transformar o familiar no exótico, como aponta DaMatta, isso consiste em “estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir [...] o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação” (DAMATTA, 1978, p. 5). No entanto, familiaridade não implica necessariamente um conhecimento profundo. Isto é, “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido, e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido” (VELHO, 2013, p. 72).

Nasci em Vitória de Santo Antão, cresci, estudei e trabalhei nesta cidade, assim como minha família. Tenho inúmeras lembranças que se entrelaçam com diferentes fases da minha vida, muitas delas relacionadas à Praça da Matriz. Aos sábados à noite, ao chegar na praça, deparo-me com uma cena vibrante, onde

diversos grupos sociais ocupam diferentes espaços. Percebo distintas vivências: alguns frequentam a praça para socializar e consumir bebidas com os amigos; outros a utilizam exclusivamente para exercícios na academia da cidade; há famílias presentes para que as crianças aproveitem o parque; ao mesmo tempo alguns estão na praça de maneira efêmera, apenas de passagem rumo à igreja da matriz; entre diversos outros grupos e modos de apropriação do espaço público, os quais explorarei em detalhes posteriormente no trabalho.

Ou seja, inquestionavelmente, todos esses atores sociais e grupos integram a dinâmica da praça, contribuindo para o cenário urbano no qual estou amplamente familiarizado. Contudo, reconheço que meu entendimento sobre suas vidas, hábitos, crenças e valores é bastante diversificado (VELHO, 2013). Isso se deve à presença de uma multiplicidade de conceitos e experiências que transcendem uma simples familiaridade inicial com o ambiente. Por exemplo, cada grupo vivencia a praça de maneira única quando está lotada, refletindo identidades coletivas que vão além do âmbito local.

Ao longo da minha jornada acadêmica em Ciências Sociais, assim como no meu envolvimento com a antropologia, uma disciplina dedicada à exploração abrangente da condição humana e do mundo que compartilhamos (INGOLD, 2011), percebi que essa ciência não se limita a estudar pessoas; pois, é um mergulho nas vivências com pessoas, proporcionando uma oportunidade de aprendizado através da imersão, escuta atenta e envolvimento direto. Uma formação em antropologia vai além de simplesmente nos oferecer conhecimento sobre o mundo; pelo contrário, “educa a nossa percepção do mundo, e abre nossos olhos e mentes para outras possibilidades de ser” (INGOLD, 2011, p. 15).

Com base na leitura de Peirano (2014), percebo minha etnografia como uma teoria vivida na Praça da Matriz. Minha experiência vai além do período específico da observação participante realizada para este trabalho de conclusão – que iniciou em 2020 para uma avaliação da disciplina de seminário de pesquisa; pois já possuía muitas vivências na praça antes mesmo de entrar em contato com as ciências sociais. Ao iniciar a escrita da minha monografia, essas memórias ressurgiram naturalmente. No entanto, o período de observação participante direcionado para a escrita do trabalho foi significativamente mais estruturado e sofisticado, envolvendo uma racionalização cuidadosa para observar, registrar e relacionar minhas experiências com a bibliografia da área.

A pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar. Esses momentos são arbitrários por definição e dependem, hoje que abandonamos as grandes travessias para ilhas isoladas e exóticas, da potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar por que alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem. E é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas nativos/etnógrafos (PEIRANO, 2014, p. 379).

Este trabalho não tem a pretensão de ser com precisão um retrato fiel das formas de sociabilidade na Praça da Matriz; todavia, é uma formulação teórico-etnográfica fundamentada nas ciências sociais e na minha experiência como pesquisador nativo de Vitória de Santo Antão. Em que durante minha interação com o espaço social da praça, aproveitei o acesso ao campo e observei diversas situações e eventos, relacionando-os com teorias.

Não consigo especificar em que momento meu trabalho na Praça da Matriz começou, para mim é um tanto difuso em sua origem. Não sei quando surgiram os primeiros questionamentos: Por que essa praça em específico atrai tantas pessoas? Eu e meus amigos, assim como muitas outras pessoas que eu conhecia na Matriz, morávamos distantes dali. Qual era a razão de deixarmos nossos bairros para nos encontrarmos lá? O que a diferencia das demais praças, inclusive aquelas mais próximas dos nossos bairros? Quais são as opções de lazer na cidade? Por que essa praça recebe uma atenção maior das autoridades municipais em comparação a outras? E esses questionamentos foram se multiplicando até o surgimento deste trabalho.

“Quer ele saiba ou não, quer tenha a intenção ou não, seu ato ‘seguro’ de tornar o estranho em familiar sempre torna o familiar um pouco estranho. E, quanto mais familiar se torna o estranho, ainda mais estranho parecerá o familiar” (WAGNER, 2010, p. 38). Hoje, resido em Recife devido a compromissos profissionais e acadêmicos, já que o meu curso é oferecido exclusivamente na capital do estado. No entanto, minha família e a maioria dos meus amigos permanecem em Vitória de Santo Antão, o que me leva a visitar a cidade com frequência. Essa mudança de cenário intensificou os questionamentos citados anteriormente, resultando na elaboração desta monografia, uma vez que, como destaca Peirano, “uma antropologia é comparativa por definição” (PEIRANO, 2014, p. 385).

Refletindo sobre como desenvolver a análise acerca dos diversos grupos sociais presentes na praça, suas distintas formas de ocupação desse espaço e as

diferentes formas de lazer, surgiu meu interesse pela antropologia visual. Nesse contexto, as fotografias se tornaram dados tangíveis, complementares às minhas anotações de campo. Essas imagens, além de serem uma referência constante durante a pesquisa, são utilizadas para enriquecer e ilustrar as nuances que são apresentadas durante o trabalho. Além disso, quem sabe as imagens ganhem vida própria e se comuniquem diretamente com o leitor, sugerindo outras nuances para além das aqui enunciadas.

## 1.2 Apresentando os Dados em Forma de Narrativa Visual

“Observar a maneira como as pessoas se misturam e se agrupam é fundamental para se compreender a estrutura social dinâmica. Psicológica e socialmente, as fotografias fornecem um diagrama das relações espaciais das aglomerações” (COLLIER, 1973, p. 56).

Collier (1973), é responsável por um dos principais trabalhos dedicados à sistematização metodológica da fotografia como técnica no âmbito da pesquisa antropológica. Dessa maneira, ao estudar as dinâmicas das sociabilidades presentes na Praça da Matriz, é possível analisar detalhes das interações entre as pessoas por meio do uso de fotografias.

Todavia, “é bem verdade que Collier Jr. não transpõe a barreira da fotografia como ferramenta de pesquisa, ele não pensou nos termos do seu potencial narrativo” (ACHUTTI, 2019, p. 08). Essa é uma característica comum entre os primeiros antropólogos que empregaram fotografias, já que raramente percebiam a fotografia como uma forma narrativa essencial para a apresentação de suas pesquisas. Ela era mais frequentemente considerada como uma ferramenta de coleta de dados, sendo reduzida a uma fonte de informações etnográficas.

Desse modo, minha inspiração para o trabalho em antropologia visual é fortemente influenciada por Bateson e Mead (1942), que desenvolveram uma abordagem sistemática que integrava texto e imagem, utilizando tanto imagens descritivas quanto ilustrativas. Posteriormente, o termo fotoetnografia foi cunhado por Achutti (1997), em que ele procura ressaltar o potencial narrativo das imagens fotográficas utilizadas sob a forma de “‘narrações visuais’, uma ‘construção do sentido graças à imagem; isso para tornar-se um meio de restituição, uma outra forma de narrar nosso olhar sobre o outro’” (ACHUTTI, 2004, p. 87).

Há uma inspiração na fotoetnografia, na qual implica certos elementos em sua elaboração, incluindo o uso de fotografias sem a necessidade de grandes textos explicativos entre as imagens. Ao mesmo tempo, o trabalho desenvolveu-se numa abordagem diferente. Sendo orientado para a apresentação de dados onde prevalece a forma escrita, não obstante, durante as experiências observadas e vividas na Praça da Matriz, ter produzido e utilizado diversas fotos como fontes adicionais à reflexão. Em uma noite, e noutras ocasiões dispersas, capturei imagens da praça, dos arredores, das interações sociais para dessa maneira construir uma pequena narrativa durante o desenvolvimento do trabalho. Portanto, não se enquadra inteiramente como uma fotoetnografia. Ele utiliza parcialmente da fotoetnografia, numa tentativa de explorar uma exposição que utiliza a colaboração entre texto e imagem.

Era sábado à noite, e vários motivos me impulsionaram a fotografar a praça naquela ocasião. Dado que a praça costumava ser mais movimentada nesse dia, foi uma oportunidade perfeita para capturar diversas interações sociais, momentos de socialização, ocupação e todos os elementos relacionados à sociabilidade que me interessavam. Combinei de ir com alguns amigos para aproveitar a noite na praça, e como não havia muitas opções na cidade naquele dia, todos os que convidei compareceram. Foi uma noite propícia para registrar como transcorre um sábado típico no principal ponto de encontro dos moradores da cidade.

Posteriormente, em 2024, após discussões com meu orientador, retomei minhas visitas à Praça da Matriz para finalizar o trabalho de conclusão. Voltei a frequentar a praça com maior regularidade, registrando no diário de campo e capturando imagens que refletiam novos aspectos vivenciais daquele ambiente. Além disso, documentei os espaços e subjetividades associados ao percurso de casa até a praça.

Durante esse período, observei que a praça permanece um espaço vibrante de sociabilidade, conforme explano ao longo do texto. Notei uma constante renovação de pessoas, refletindo uma mudança geracional. No entanto, senti um certo estranhamento, pois agora moro em Recife e não visito Vitória com tanta frequência, e muitos dos meus amigos também estão ocupados com suas próprias rotinas. Dessa vez, meu registro foi mais discreto; não conhecia tantas pessoas como antes, e a interação não foi tão natural. Dediquei-me mais a fotografar o caminho até a praça, capturando a jornada e as mudanças ocorridas desde minhas vivências anteriores.

Como acentua o pesquisador Luiz Eduardo Achutti, uma narrativa visual é a “materialização de um olhar”, o “discurso de um olhar” (ACHUTTI, 2004). O olhar apresentado nesta monografia é o meu, fundamentado em um arcabouço teórico socioantropológico, na minha vivência enquanto observador nativo-etnográfico e a partir de diversos diálogos com outros moradores que compartilham experiências na Praça da Matriz.

As fotos não têm caráter profissional, pois foram capturadas pelo meu smartphone por várias razões, mas principalmente pela necessidade de discrição. Não me sentiria confortável em utilizar uma câmera profissional e fotografar as pessoas em seus momentos de lazer, além que isso poderia interferir na naturalidade das interações. Ademais, optei por não focar nos rostos das pessoas para preservar a privacidade. A qualidade das fotos é suficiente para observar o espaço urbano e as dinâmicas sociais sem comprometer a intimidade dos atores envolvidos.

## 2 UMA ANTROPOLOGIA NA CIDADE

### 2.1 A Praça da Matriz e o Imaginário

Todos falam sobre a cidade, antropólogos, sociólogos, urbanistas, geógrafos, historiadores, economistas, artistas, motoristas de aplicativo, todos aqueles que são cidadãos. A cidade é rica em significados, interpretações e narrativas. Pode ser vista como um espaço de interação social, um campo de estudo para as dinâmicas sociais em larga escala, como um ambiente planejado, entidade espacial, um palco temporal, um centro econômico, fonte de inspiração ou uma aglomeração de pessoas que conseqüentemente resulta em muito trânsito. Nenhuma perspectiva sobre o que constitui uma cidade invalida as outras, e mesmo dentro de um campo de conhecimento específico, existem várias visões distintas sobre o que é uma cidade.

No dia a dia, em muitas interações, quando não temos um assunto específico, é comum iniciarmos conversas sobre a cidade. Por exemplo, comentamos sobre o clima, como "Vitória está quente hoje", ou sobre questões de tráfego, como "esse trânsito na Avenida Mariana Amália é terrível". Na introdução deste trabalho, explorei como a cidade envolve sociabilidade; no entanto, vale ressaltar que ela também é permeada por sensibilidade. Como fenômeno cultural está intrinsecamente ligado à atribuição de significados que nós damos ao mundo (PESAVENTO, 2014).

A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo *viver urbano* e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia (PESAVENTO, 2014, p. 14)

Inspirado em Peirano (2014), a cidade, como expressão da sensibilidade, é frequentemente capturada por meio de formas literárias, poesias, romances, música, entre outras. Diversas perspectivas valiosas emergem, como nas músicas de Chico Science<sup>3</sup>, em que destaca a desigualdade social na Região Metropolitana do Recife;

---

<sup>3</sup> FREITAS, P. V. C. D. . (2021). DO CAOS À LAMA: UM RETRATO DA CIDADE DO RECIFE NO ÁLBUM DA LAMA AO CAOS. *Portal De Trabalhos Acadêmicos*, 5(1). Recuperado de <https://revistas.faculdedamas.edu.br/index.php/academico/article/view/1785>

nas músicas de Mano Brown<sup>4</sup>, que denuncia o racismo em São Paulo; e na obra do rapper Don L<sup>5</sup>, que retrata a mesma cidade de uma perspectiva diferente, sendo um nordestino que precisou se mudar para São Paulo, oferecendo uma visão diferente, desta vez pela ótica da xenofobia e do sentimento de não pertencimento à cidade. Explorando diversas obras que abordam o tema urbano, observo múltiplas facetas, quase sendo várias cidades dentro de uma única cidade.

Nesta mesma abordagem de cidade multifacetada, destaco "Aglaura", uma das cidades fictícias do romance "Cidades Invisíveis", de Italo Calvino (1990), em que o mercador veneziano Marco Polo descreve cidades nas quais tinha conhecido para o imperador mongol Kublai Khan:

Não saberia dizer nada a respeito de Aglaura além das coisas que os próprios habitantes da cidade sempre repetem: uma série de virtudes proverbiais, de defeitos igualmente proverbiais, algumas extravagâncias, algumas inflexões observâncias às regras. Antigos observadores – e não existe razão para crer que sejam inverídicos – atribuíram a Aglaura um constante sortimento de qualidades, comparando-as, claro, às de outras cidades da época. Pode ser que nem a Aglaura que se descreve nem a Aglaura que se vê tenham mudado muito desde então, mas o que era estranho tornou-se habitual, excêntrico o que se considerava a norma, e as virtudes e os defeitos perderam excelência ou desdouro num ajuste de virtudes e defeitos distribuídos de maneira diferente. Deste modo, nada do que se diz a respeito de Aglaura é verdadeiro, contudo permite captar uma imagem sólida e compacta de cidade, enquanto os juízos esparsos de quem vive ali alcançam menor consistência. O resultado é o seguinte: a cidade que dizem possui grande parte do que é necessário para existir, enquanto a cidade que existe em seu lugar existe menos.

Portanto, se quisesse descrever Aglaura limitando-me ao que vi e experimentei pessoalmente, deveria dizer que é uma cidade apagada, sem personalidade, colocada ali quase por acaso. Mas nem isso seria verdadeiro: em certas horas, em certas ruas, surge a suspeita de que ali há algo de inconfundível, de raro, talvez até de magnífico; sente-se o desejo de descobrir o que é, mas tudo o que se disse sobre Aglaura até agora aprisiona as palavras e obriga a rir em vez de falar.

Por isso, os habitantes sempre imaginam habitar Aglaura que só cresce em função do nome Aglaura e não se dão conta da Aglaura que cresce sobre o soló. E mesmo para mim, que gostaria de conservar as duas cidades distintas na mente, não resta alternativa senão falar de uma delas, porque a lembrança da outra, na ausência de palavras para fixá-la, perdeu-se (CALVINO, 1990, p. 29-30).

Durante a minha jornada acadêmica, numa aula de antropologia urbana, tive contato com a obra de Calvino (1990). Naquela ocasião, debatemos acerca de

---

<sup>4</sup>Mendes, G. G. (2015). O Rap contra o racismo: a poesia e a política dos Racionais Mc's. *Animus. Revista Interamericana De Comunicação Midiática*, 14(27). <https://doi.org/10.5902/2175497717872>

<sup>5</sup> PEREIRA, M. R. O Cosmopolitismo às Avestas do Don L. O Gan Pazaan. Disponível em: <https://oganpazan.com.br/o-cosmopolitismo-as-avessas-do-don-l/> . Acesso em: 11 de novembro de 2023.

algumas cidades fictícias concebidas por Calvino, e Aglaura despontava como uma delas. Todos que compartilhavam suas impressões tinham uma associação imediata entre Aglaura e Recife, compreensível, a meu ver, dadas as razões subjacentes. "Aglaura só existe no nome", ressoava em nossas discussões, erguendo-se no cenário imaginário singular de cada indivíduo. Ao contrário da maioria, quando me deparei com a narrativa, minha mente tinha associado a Vitória de Santo Antão e a Praça da Matriz.

Ao longo da narrativa, em um dos diálogos fictícios, Kublai Khan indaga sobre a similaridade entre as cidades delineadas por Marco Polo. Em resposta, Polo enfatiza que, ao descrever qualquer cidade, é inevitável não incluir também os traços de sua terra natal. Quanto maior o número de cidades que ele conhecia, "também aprendia a conhecer o porto de onde havia zarpado, e os lugares familiares de sua juventude, e os arredores de casa, e uma pracinha de Veneza em que corria quando era criança" (CALVINO, 1990, p. 14).

A cidade existe no imaginário de cada um, a cidade é um fenômeno urbano na qual está inteiramente ligada às nossas alegrias, tristezas, amores, ódios, esperança e desespero. Isto é, toda a nossa percepção de sentimentos relacionados ao cotidiano urbano. É essa tessitura emocional e sensorial da vida urbana que confere à cidade uma existência que transcende o concreto, perdurando nos imaginários entrelaçados de seus habitantes.

Nesse sentido, durante o meu trabalho, tentei ouvir o máximo de pessoas possíveis sobre o que achavam da Praça da Matriz. As respostas me chamavam muito a atenção, pois era uma diversidade exorbitante de opiniões sobre a praça e tinha uma interessante dicotomia presente. Pois, ao indagar sobre a praça a uma pessoa, recebia determinada resposta, enquanto uma próxima pessoa, noutro momento, oferecia uma visão completamente oposta à resposta anterior, revelando uma diversidade surpreendente de interpretações sobre o mesmo local. Por exemplo, alguns a descrevem como um local excelente para momentos em família, enquanto outros a veem como um espaço frequentado por maloqueiros<sup>6</sup>. Tal como em "Aglaura", a percepção sobre a Praça da Matriz transitava por entre diferentes imaginários dos moradores que conversei. As informações eram baseadas em repetições locais de virtudes, defeitos, extravagâncias e conformidades, revelando

---

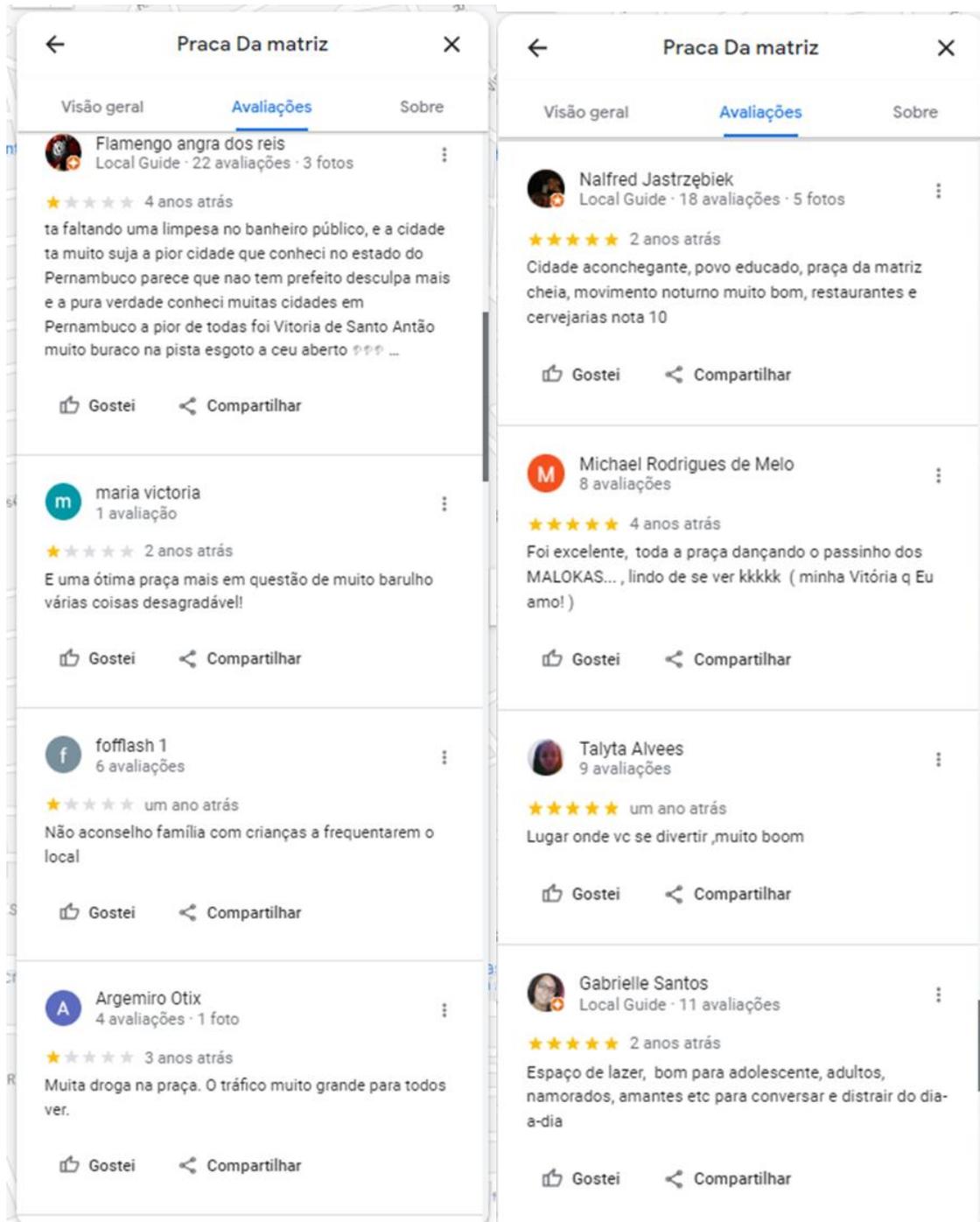
<sup>6</sup> Maloqueiro: jovem que anda vagando pelas ruas, normalmente, acompanhado por outras pessoas; jovem que anda pelas ruas pedindo dinheiro.

para mim, como ela era percebida de acordo com a vivência de cada um, ao mesmo tempo, congruente com o imaginário coletivo num contexto urbano (HALBWACHS, 2004).

A Praça da Matriz, portanto, transcende uma representação objetiva e assume contornos subjetivos, refletindo a complexidade do imaginário urbano, onde as experiências individuais se moldam à narrativa coletiva. Essa dinâmica de percepções discrepantes era algo que me despertava interesse. A observação se estendeu ainda mais ao acompanhar os comentários online, especialmente em publicações de páginas relacionadas a Vitória de Santo Antão, abrangendo desde conteúdo humorístico até reportagens jornalísticas. Fiquei intrigado ao perceber que um mesmo evento provocava uma multiplicidade de comentários contraditórios e debates acalorados, evidenciando a diversidade de perspectivas sobre o acontecimento. Essa complexidade de interpretações também se refletia de maneira notável quando o tema era a Praça da Matriz, em que as opiniões sobre o espaço urbano divergiram consideravelmente.

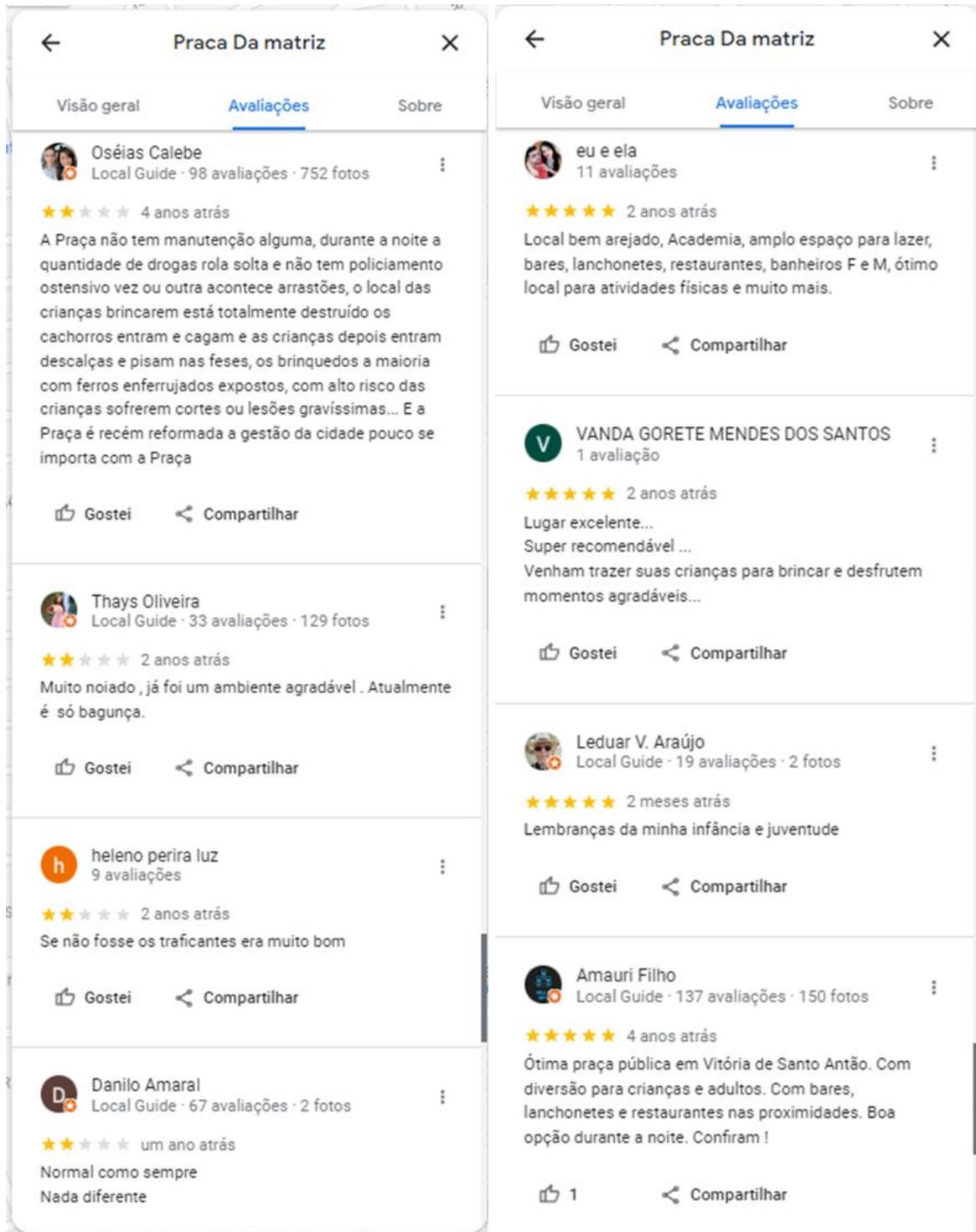
Diante disso, decidi explorar a Praça da Matriz no Google Maps para verificar as avaliações compartilhadas pela comunidade online. Observa-se que é um dos lugares mais avaliados em Vitória de Santo Antão, acumulando mais de mil análises, atualmente ostentando uma média de 4,4 estrelas (em uma escala de 1 a 5). Isso evidencia o prestígio que a praça desfruta na cidade. Contudo, conforme esperado, deparei-me também com diversas críticas negativas, reiterando a contradição que já havia observado anteriormente. Selecionei alguns desses comentários para ilustrar essa dualidade de percepções.

Figura 1 - Primeira página das avaliações da praça no Google Maps



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor do trabalho, 2024.

Figura 2 - Segunda página das avaliações da praça no Google Maps



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor do trabalho, 2024.

A Praça da Matriz é um símbolo, no sentido dado por Halbwachs, uma referência da memória individual imbricada à memória coletiva do grupo. A individual

trata das experiências vividas, emoções sentidas e eventos pessoais que o indivíduo carrega ao longo de sua vida, assim sendo, mais subjetiva e podendo variar significativamente entre os indivíduos, mesmo em situações compartilhadas (HALBWACHS, 2004). Mas a memória individual muitas vezes vem ancorada na memória coletiva: um conjunto de lembranças e recordações compartilhadas por um grupo ou comunidade. Ela engloba eventos históricos, tradições culturais, mitos e símbolos que são transmitidos e compartilhados entre os membros dessa sociedade. A memória coletiva é construída socialmente e contribui para a formação da identidade de um grupo (HALBWACHS, 2004).

As duas primeiras figuras deste trabalho são exemplos notáveis de como a percepção sobre a praça está ligada a uma projeção de experiências e expectativas dos frequentadores. A partir dessa concepção de memória, o símbolo praça é continuamente construído e reconstruído em relação aos eventos, cujo significado se transforma constantemente à medida que ocorrem mudanças. Por exemplo, num dos comentários da figura 1 há uma exaltação da cidade, em que várias pessoas podem se reunir na praça e dançar o passinho<sup>7</sup>. Por outro lado, também aparecem comentários recriminando a cidade, reclamando do barulho e da bagunça. Essa disputa de narrativa faz parte dos conflitos presentes na Praça da Matriz de que trataremos mais à frente. Em suma, muito das críticas relacionadas ao movimento das pessoas se reunindo na praça por causa do brega-funk está intrinsecamente ligado ao imaginário social permeado por estereótipos, estigmas e preconceitos enraizados.

Observam-se também os comentários que abordam memórias individuais na interpretação da praça, enquanto, simultaneamente, há observações relacionadas às memórias coletivas. Em grande medida, essas recordações são marcadas por uma saudade de um passado percebido como mais seguro e feliz. No entanto, a natureza dessa memória é elusiva, ultrapassando as fronteiras do indivíduo e envolvendo uma subjetividade. Mesmo nessa dicotomia, a maioria dos comentários sobre a Praça da Matriz é positiva, atribuindo sua valorização à diversidade de usos que oferece e à sua importância na vida urbana. Enquanto que os negativos muitas das vezes derivam

---

<sup>7</sup> “Passinho está ligado ao meio do brega-funk por trazer passos coreografados e sincronizados pelas as batidas das músicas[...] Dentro das comunidades, nas praças ou até em espaços maiores onde muitas vezes se tem as disputas” (ANDRADE, 2023, p.92)

do desejo de mais da praça ou do receio de que ela possa perder sua essência - de acordo com quem está comentando a simboliza.

À medida que as pessoas revisitam um passado percebido como mais seguro e feliz, ou mesmo projetam aspirações para o futuro, estão ativamente participando na narrativa imaginária da cidade. Essas narrativas imaginárias contribuem para a definição da identidade da Praça da Matriz. Elas conferem um caráter único, um espírito distintivo e uma atmosfera que, por sua vez, influenciam a experiência dos habitantes e visitantes. A praça torna-se mais do que um espaço físico; ela é dotada de uma identidade que proporciona um senso de pertencimento e identificação com a comunidade.

Assim, o imaginário que envolve a construção do passado, presente e futuro da Praça da Matriz desempenha um papel crucial na formação de uma conexão emocional e simbólica entre as pessoas e o espaço urbano. Essa narrativa compartilhada cria “uma identidade, um modo de ser, uma cara e um espírito, um corpo e uma alma, que possibilitam reconhecimento e fornecem aos homens uma sensação de pertencimento e de identificação com a sua cidade” (PESAVENTO, 2014, p. 17).

## 2.2 Praça da Matriz: alma da cidade

A cidade é a maior de nossas obras de arte, disse Lewis Mumford, colocando assim a cidade no campo da imaginação. Que fantasias incríveis são esses fenômenos levantando-se dos campos e das florestas, ao largo de rios e oceanos – essas incríveis rajadas sinfônicas desnecessárias, a não ser para dar grandiosidade física e extrapolações tumultuosas à imaginação humana. Colmeias, formigueiros, tocas de roedores são necessidades de seus construtores; mas, e nossas cidades? Para que mesmo servem nossas cidades? Nós imaginamos sua existência, e depois as explicamos com nossas ideias (HILLMAN, 1993, p.17).

Hillman (1993), destaca um conceito fundamental em sua obra: a *anima mundi*, ou alma do mundo. “Imaginemos a *anima mundi* como aquele lampejo de alma especial, aquela imagem seminal que se apresenta em cada coisa por meio de sua forma visível” (HILLMAN, 1993, p14). Ele desafia a visão convencional que associa alma exclusivamente aos seres humanos, argumentando que não apenas os indivíduos, mas também o mundo em si, incluindo objetos materiais e espaços, são

dotados de alma. Essa perspectiva ampliada redefine a compreensão tradicional da alma, expandindo-a para além da esfera humana. Ou seja, quando imaginamos a cidade nos são apresentadas imagens que dialogam com a nossa interioridade

Na Praça da Matriz, símbolos e imagens desempenham um papel significativo na orientação e organização das atividades. Por exemplo, os coretos<sup>8</sup>, o obelisco<sup>9</sup>, algum local em específico que o sujeito gosta de ficar ou que a imagem vem à mente quando lembra da praça são símbolos específicos que contribuem para a atribuição identidade da praça.

A praça pode também ser vista como uma das principais formas de lazer na cidade. Porém, é importante destacar uma modalidade específica de lazer associada à ideia de sair de casa, uma oposição entre o "em casa" e "fora de casa" (MAGNANI, 2002). A praça desempenha um papel central na cidade quando se busca simplesmente estar fora de casa, sem grandes pretensões. É um local onde se sabe que ao sair, encontrará pessoas, proporcionando um ambiente social. Embora a praça tenha diversas utilizações, a maioria delas envolve a ideia de sair e socializar. Ali chegando e recorrendo à expressão "alma no mundo" dada por James Hillman, (1993), as relações humanas que ocorrem na praça, a relação das pessoas ao nível do olhar é parte fundamental da alma na cidade. É um importante lugar de encontro, proporcionador de contato humano - de ver e ser visto - e com uma identidade que está muito relacionada à relação de psique e a cidade. Isto é, trata-se da interação entre o ambiente urbano e a psique humana, de como os espaços urbanos afetam o bem-estar mental, comportamentos sociais e as experiências individuais dentro do contexto urbano.

A Praça da Matriz imaginada é um arquétipo essencial da experiência humana, simbolizando a convivência com toda a diversidade, contradição, tensão e exuberância que caracterizam a vida em comunidade. Essa visão não se limita apenas às estruturas físicas e sistemas urbanos, mas abrange a complexidade das interações humanas. Se a praça pode ser vista como um arquétipo da jornada humana dos cidadãos, ela existe no imaginário de cada um e pode ser observada por vários

---

<sup>8</sup> "Estrado ou edificação apropriada, erguida em praça ou jardim público para concertos de bandas musicais" (CORETO, 2023)

<sup>9</sup> "Monumento religioso do antigo Egito, constituído por uma coluna alta de pedra, geralmente monolítica e de secção quadrangular, assente sobre uma base e rematada com ponta piramidal" (OBELISCO, 2023)

ângulos, seja com um olhar econômico, artístico, esportivo, religioso, ou como no presente trabalho, como uma jornada de pesquisa.

Pessoalmente, durante a jornada de escrever esta monografia, ficou evidente para mim um grande vínculo emocional com a praça, onde cresci, fiz amizades e guardei memórias afetivas profundas, ressoa com a ideia de memória emotiva descrita neste texto e inspirado em Hilmman (1993). Assim como as cidades antigas eram construídas sobre o túmulo de seus fundadores, minha praça é o palco de muitas memórias emocionais compartilhadas por mim e pela comunidade. Os laços que construí nesse espaço, os locais que gostava de frequentar e as pessoas que compartilham dessas lembranças são testemunhas vivas dessa história emocional que ecoa.

Baseado nisso, a ideia de relações humanas refletidas na cidade ressoa com minha experiência na praça como um lugar de encontro e contato humano. Assim como as pessoas buscam locais para se encontrarem, se verem, tocarem-se e compartilharem momentos de intimidade na cidade, minha praça desempenha esse papel. É um espaço onde os corpos se encontram, onde as pessoas se olham nos olhos e se conectam, contribuindo para a riqueza da alma urbana.

Ao escrever sobre "minha praça" e "memórias emocionais compartilhadas", compreendendo o que Gaston Bachelard destacou em "A Poética do Espaço" ao discutir a experiência com o espaço da "casa natal". Assim como a casa natal, onde memórias e imagens positivas se alinham, considere a Praça da Matriz como minha "casa natal":

"Além das lembranças positivas que são materiais para uma psicologia positiva, devemos reabrir o campo das imagens primitivas que foram talvez os centros de fixação das lembranças deixadas na memória. [...] Ele vive assim no além das imagens humanas. Se o fenomenólogo chegasse a viver a primitividade de tais imagens, talvez deslocasse os problemas que se referem à poesia da casa." (BACHELARD, 1984, p.216).

### 3 A PRAÇA DA MATRIZ

A Praça da Matriz, em Vitória de Santo Antão, destaca-se como um dos locais mais pulsantes da cidade, consolidando-se como o principal ponto de encontro. É percebida pela população como um espaço vibrante, frequentado não apenas pelos moradores do bairro da matriz, mas também por ser um epicentro de novidades. Ao longo de toda a semana, a praça atrai uma movimentada dinâmica social, com o sábado à noite emergindo como o ápice dessa efervescência, sendo comumente o momento em que é mais animada e frequentada.

#### 3.1 Fotoetnografia de um sábado a noite em Vitória de Santo Antão

Figura 3 – A caminho da praça



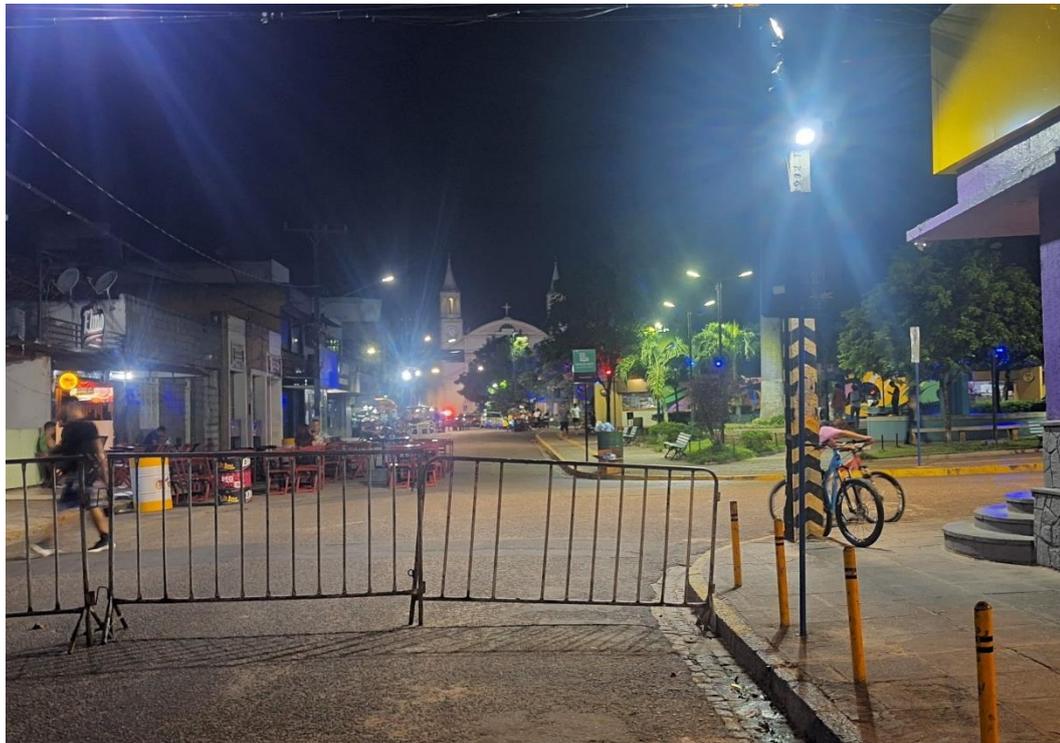
Fonte: foto do autor, 2024.

Figura 4 – Principal Entrada



Fonte: foto do autor, 2024.

Figura 5 - Área onde a prefeitura interrompe o fluxo de automóveis



Fonte: foto do autor, 2024.

Figura 6 - A parte central da Praça



Fonte: foto do autor, 2020.

Figura 7 - Coreto próximo a Igreja Matriz



Fonte: Autoria própria, 2020.

Figura 8 - Parque infantil



Fonte: Autoria própria, 2020.

Figura 9 - A Igreja Matriz (em dia de casamento)



Fonte: Autoria própria, 2020.

Figura 10 - Os bares e conveniências



Fonte: Autoria própria, 2020.

Figura 11 - A perspectiva de dentro de um estabelecimento que fica na praça



Fonte: Foto do autor, 2020.

Figura 12 - Local próximo ao clube O Leão



Fonte: Foto do autor, 2020.

Figura 13 - O coreto próximo a principal entrada



Fonte: Foto do autor, 2020.

Figura 14 - Entre o coreto e os quiosques



Fonte: Foto do autor, 2020.

## **4 REVISITANDO A PRAÇA DA MATRIZ COM UM OLHAR APOIADO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS**

Partindo de uma análise socioantropológica, exploraremos as interações sociais, os padrões de comportamento, as relações de poder e as formas de sociabilidade presentes na praça. Utilizaremos conceitos e abordagens da sociologia urbana, antropologia social e outras disciplinas afins para iluminar os diversos aspectos sobre a perspectiva da Praça da Matriz como o principal ponto de encontros da cidade.

### **4.1 A configuração social da Praça da Matriz**

A Praça da Matriz se destaca por uma variedade de características que a tornam um ponto de referência e atração para a população local. Entre esses aspectos, destacam-se a imponente igreja matriz, o marcante obelisco, os charmosos coretos, o espaço recreativo para crianças, a academia ao ar livre, os estabelecimentos comerciais, como bares e lanchonetes, e os vendedores autônomos que agregam vida ao ambiente. Além disso, a praça é palco de atrações eventuais, como shows em datas festivas, parques de diversão e outros eventos que surgem de forma espontânea – muitas vezes sem uma divulgação ampla ou um planejamento estruturado prévio.

Diante das diversas atrações que a Praça da Matriz oferece, ela desempenha um papel fundamental na vida social cotidiana e na reafirmação da identidade da cidade. O foco não está apenas no espaço físico da praça, mas sim na experiência vivenciada por aqueles que a frequentam. É sobre como os indivíduos interagem e se comunicam nesse ambiente, bem como os significados subjacentes a essas interações, identificando os simbolismos que emergem no dia a dia, nas relações sociais e nas formas de ocupar os espaços (VELHO, 2013). Não sendo apenas um espaço físico, mas sim um espaço social dinâmico. Um lugar em que pessoas, lugares e sentimentos se encontram, onde relações sociais se desdobram e se entrelaçam. Essa dinâmica forma uma configuração única, pois a praça representa uma estrutura social aberta e em constante processo de transformação e adaptação, moldada pelas interações dos indivíduos e grupos que a frequentam (ELIAS, 1994).

Quanto às imagens, é notável que a "mensagem simbólica da imagem faz com que vários léxicos possam ser mobilizados, ou seja, uma mesma fotografia pode

remeter a diferentes leituras" (CAVEDON, 2005, p. 16). Por essa razão, é importante considerar que as observações aqui apresentadas são baseadas na realidade local. As três figuras iniciais oferecem uma visão panorâmica da praça, destacando-a como um espaço luminoso, bem conservado e vibrante - um local verdadeiramente habitado. Pode-se observar pessoas por toda parte, seja nos bancos, nos brinquedos - como o pula-pula -, na academia ao ar livre, em um dos coretos, ou na estrutura do letreiro que carrega o nome "Vitória".

Todos os espaços na praça se tornam pontos de referência e áreas de convívio, inclusive o obelisco comemorativo (figura 6 e 8) e o letreiro da cidade (figura 7). Pode-se observar pessoas em toda parte, envolvidas em conversas, passeios ou apenas compartilhando o ambiente. É um encontro entre os moradores da cidade, sejam conhecidos ou estranhos, de forma ocasional ou frequente. Além disso, é notável a presença das crianças brincando (figura 6 e 8). Na praça, elas não estão confinadas entre quatro paredes. Para elas, é um espaço de liberdade, onde podem interagir mais próximas do ambiente. As crianças se reúnem para brincar no pula-pula, jogar bola, andar de skate, balançar-se no parquinho ou brincar na gangorra, estabelecendo relações com outras crianças por meio da interação.

As imagens não apenas capturaram os cenários, mas também os momentos das interações e disposições das pessoas, de maneira semelhante a um sociograma leigo, como descrito por Maria-Claire Bourdieu e Pierre Bourdieu (2006). Elas podem ser vistas como um tipo de "sociograma visual", que ilustra a dinâmica social presente na praça naquele momento. Por meio das fotografias, é possível perceber a presença de diversos grupos sociais compartilhando o mesmo espaço, cada um com suas próprias formas de sociabilidade e interação.

Enquanto registrava as fotografias, pude notar que cada área diferente da praça possuía uma atmosfera distinta; era possível perceber a mudança ao dar apenas alguns passos. Como morador da cidade, reconheço que se tratava de um sábado à noite comum, caracterizado pela repetição de uma cultura de ocupação da praça, onde diversos grupos frequentam áreas específicas e diferentes gêneros musicais são tocados. Ao mesmo tempo, a praça é constantemente reinventada ao longo da história, com as atividades em destaque, a arte e os grupos urbanos se alterando ao longo do tempo. Além disso, o público que a frequenta é fluido, especialmente durante eventos específicos, como os religiosos, políticos ou culturais, quando a dinâmica da praça sofre alterações significativas.

A praça representa uma ruptura na paisagem urbana ao oferecer um espaço para maior interação entre as pessoas e até mesmo com a natureza, funcionando como um refúgio dentro da cidade. Ela pode ser considerada um ponto de encontro, facilitando a vida social e promovendo relações intergeracionais, além de proporcionar circulação de ar e oportunidades para atividades físicas. Com base nessa relevância, guardo várias lembranças pessoais das experiências vividas na Praça da Matriz ao longo das diferentes etapas da minha vida, desde a infância até a idade adulta. Conversando com pessoas de diferentes faixas etárias, percebi que a praça é um local onde cada geração construiu suas próprias memórias, refletindo a diversidade de experiências e histórias compartilhadas.

Durante minha adolescência, a praça era um ponto de encontro frequente, onde estabeleci laços significativos de amizade e vivenciei momentos memoráveis. Embora hoje não frequente tanto quanto antes, sempre que retorno para trabalhar ou em ocasiões esporádicas, sou inundado por lembranças do passado, muitas vezes reencontrando antigos amigos e rostos familiares. Ao mesmo tempo, observo como os hábitos se renovam, com adolescentes ocupando os mesmos espaços que eu frequentava na minha juventude e crianças brincando nos mesmos locais que eu explorava na infância, evidenciando a continuidade e vitalidade da praça ao longo do tempo

Dessa forma, destaco como lugar de memória (HALBWACHS, 2004), sendo um local material, tangível, onde a memória social se manifesta e pode ser experimentada pelos sentidos. Ela é funcional porque desempenha o papel de ancorar memórias coletivas ao longo do tempo, servindo como um ponto de referência para a comunidade. Além disso, a praça é um lugar simbólico, onde a identidade coletiva da comunidade se expressa e se revela, através das atividades, eventos e interações que ocorrem nesse espaço público. Assim, a praça é carregada de uma vontade de memória, conectando o passado, o presente e o futuro da comunidade que a utiliza.

#### **4.2 Pluralidade presente na Praça da Matriz: costumes de casa vão à praça**

Na análise sobre a Praça da Matriz tive como referência algumas das categorias encontradas no trabalho de Magnani (2000, 2002 e 2003), sendo principalmente: pedaço e mancha de lazer – nas quais desenvolverei durante o texto.

No espaço social que forma a praça e na mistura de eventos que identifiquei a marca da pluralidade de sentidos simbólicos circulantes no espaço da cidade (MAIA, 2003). Os “costumes de casa vão à praça”, portanto, a praça recebe os mais variados costumes e é nesse microcosmo que é desenvolvido uma “sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade.” (MAGNANI, 1998, p. 116).

A dinâmica da vida urbana é intrinsecamente complexa, marcada por uma diversidade de atores sociais com realidades distintas que se refletem nos espaços que ocupam e nas interações que estabelecem. Mesmo em meio à multidão que preenche a Praça da Matriz em noites de sábado, é possível identificar uma variedade de grupos com estilos e comportamentos diversos, delineados pela forma como ocupam e se relacionam com o ambiente. A praça desempenha um papel fundamental na organização da interação urbana em Vitória de Santo Antão, configurando-se como um espaço público e democrático, regido por normas acessíveis a todos, sem exigências burocráticas para sua utilização.

Apesar dessa aparente unidade, é um ambiente onde os interesses e conflitos existem, sendo mediados por meio da sociabilidade e interdependência, refletindo as diferentes práticas e preferências dos indivíduos em suas rotinas, manifestadas em suas vestimentas, locais frequentados e escolhas de consumo. As experiências são diferentes para os diferentes estilos de vida. Partindo do conceito de estilos de vida, como Anthony Giddens (2002) descreve:

deverem ser considerados a partir de sua reflexividade, de modo que se constroem e se transformam de acordo com as demandas da auto-identidade. Os estilos de vida são práticas rotinizadas, as rotinas incorporadas em hábitos de vestir, de comer, de modos de agir e lugares preferidos, de encontrar os outros, mas as rotinas seguidas estão reflexivamente abertas à mudança à luz da natureza móvel da auto-identidade (GIDDENS, 2002, p. 80)

Na esfera relacional, a Praça da Matriz abriga uma diversidade de estilos de vida e interações sociais, refletindo diferenças significativas dentro do tecido social. Nesse espaço, encontramos uma variedade de grupos urbanos, cada um com seus próprios motivos para frequentar o local. O centro da cidade exerce um magnetismo como ponto de encontro e lazer, atraindo pessoas de diversos bairros, desde os mais periféricos até os mais elitizados.

Dentro da dinâmica da praça, é perceptível a existência de diferentes segmentos e grupos bem definidos. Por exemplo, próximo à igreja, é comum encontrar predominantemente idosos e/ou fiéis católicos, enquanto do outro lado, há uma concentração maior de jovens, onde o consumo de drogas, tanto lícitas quanto ilícitas, é mais evidente. Esses jovens, por sua vez, estão subdivididos em grupos distintos: alguns se reúnem ao som do brega-funk, outros preferem andar de skate e ouvir rap, enquanto ao lado, há estabelecimentos privados onde diferentes estilos musicais, como rock e sertanejo, são apreciados. Além disso, na parte central da praça, onde está localizado o parquinho, é comum encontrar famílias reunidas. Há também aqueles que utilizam o espaço para atividades físicas, como caminhar, correr e utilizar a academia da cidade. Esses exemplos ilustram a diversidade de grupos e usos presentes na praça.

É como se dentro do espaço praça existissem vários pedaços, cada um com a sua rede de relações que combina laços familiares, vizinhança, variados gostos, etc. Assim, identifica-se uma rede de relações com “um código capaz de separar, ordenar, classificar: era, em última análise, por referência a esse código que se podia dizer quem era e quem não era “do pedaço”, e em que grau: ‘colega’, ‘chegado’[...]” (MAGNANI, 2003, p.7). A Praça da Matriz seria uma mancha de lazer, isto é, “uma área contígua do espaço urbano dotada de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam - cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando - uma atividade ou prática predominante” (MAGNANI, 2002, p. 22). Na praça, os equipamentos são os bares, quiosques, coretos, bancos, parques e demais locais que são pontos de referências para a prática de determinadas atividades. Na mancha observa-se negociações sobre as ocupações e entre os pedaços.

É evidente como a praça é um lugar plural, vários estilos de vida convivem por meio da sociabilidade. No entanto, isso não quer dizer que não há conflitos na praça, porque conflitos não precisam ser declarados para existirem. Visto que também existem conflitos que não são percebidos e nem reconhecidos, no caso são conflitos latentes (MALDONADO, 2008). Essa concepção conflituosa fica mais perceptível ao observar como os indivíduos e grupos compõem os espaços da praça. Os aspectos dos estilos de vida, durante a prática social, possuem uma ligação muito forte com o consumo. E é nessa ligação que está a dicotomia mais explícita, no sentido de transparecer que ali estão pessoas com vidas bem diferentes, sendo possível fazer recortes de idades, estilos de vida, gênero, raça, sexualidade e classe.

Nos bares localizados nos arredores da praça, frequentam aqueles com maior capital econômico e, conseqüentemente, mais poder de consumo (figuras 10 e 11). Já nos coretos, muitas vezes encontram-se pessoas pertencentes a camadas sociais economicamente mais vulneráveis, há um estigma (figuras 13 e 14). Observa-se as pessoas sendo marginalizadas devido ao seu modo de vida, à localização em que se encontram (o coreto), às roupas que vestem, a um possível consumo de drogas, entre outros aspectos. Tanto que sempre quando a polícia realiza abordagens na praça, geralmente são nos coretos que acontecem os baculejos<sup>10</sup>.

Também são evidentes os conflitos entre os diferentes pedaços da praça, já que as pessoas de áreas distintas, ou mesmo aquelas que transitam por uma área que não é a sua, tendem a ser cautelosas. Como observa Magnani (2003), "o conflito, a hostilidade está sempre latente, pois todo lugar fora do pedaço é aquela parte desconhecida do mapa e, portanto, do perigo". Esses conflitos podem se manifestar de forma explícita, como em discussões ou brigas, ou de forma mais sutil, como na evitação de circular em determinadas áreas ou na interação com outros grupos.

É interessante perceber que, quando comparadas aos ambientes urbanos de grandes cidades como Recife, essas diferenças culturais se colocam simbolicamente e geograficamente, comumente referidas a nomes como "cultura marginal" e "cultura de elite", ou os da "zona norte" e os da "zona sul", a partir de modos e estilos estéticos de se vestir e se comportar. Mas enquanto na cidade grande tais guetos culturais são afastados um do outro, por grandes distâncias, em cidades como Vitória de Santo Antão, estes estão alinhados, vizinhos, num mesmo perímetro da praça.

As discrepâncias sociais, os preconceitos e as assimetrias de poder são elementos presentes mesmo nesses espaços que se consideram democráticos. Reconhecer e se conscientizar sobre esses conflitos é crucial, assim como investigar as dinâmicas sociais que possibilitam as interações entre os diversos sujeitos presentes nesse contexto. Foi levando tudo isso em conta que analisei as diferentes formas de sociabilidade na praça, esse importante agente de socialização na cidade,

---

<sup>10</sup> "prática do baculejo, uma revista decorrente de abordagem que se expressa como um ritual de poder onde agressões físicas, praticadas pelos policiais militares contra os jovens, são centrais para a construção de um contexto de interação simbólica, marcada por profunda assimetria de posições de poder, envolvendo policiais militares agressores e jovens suspeitos, tratados como "vagabundos", vitimizados por espancamento, tortura e outras formas de sevícias e maus tratos corporais" (SÁ, 2011, p.147)

visando contribuir para as discussões sobre um ambiente urbano interiorano e as relações que o constituem.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo representou uma imersão profunda no microcosmo da sociabilidade na Praça da Matriz em Vitória de Santo Antão, revelando as dinâmicas sociais e culturais desse espaço público. Ao realizar a etnografia da praça, pude observar como esse local é um importante ponto de encontro e interação social na cidade. As pessoas frequentam a praça não apenas para realizar tarefas específicas, mas também para desfrutar da experiência do convívio e da sociabilidade em si mesma.

A sociabilidade, definida como a capacidade e disposição das pessoas em se relacionar e interagir socialmente, é uma característica essencial da vida na praça. As interações sociais que ocorrem ali possuem valor intrínseco e significado, sendo fundamentais para a construção das relações sociais e da identidade coletiva dos frequentadores.

Este estudo representa uma contribuição significativa para ampliar o debate sobre o ambiente urbano, a memória e as relações sociais que moldam as nossas cidades. Destaca-se, ainda, a relevância dos espaços públicos na promoção da sociabilidade e da cultura, ressaltando a necessidade de preservação do seu patrimônio cultural e afetivo, com especial ênfase na Praça da Matriz.

Minha experiência pessoal, que se estende desde a infância até os dias atuais, foi fundamental para compreender a energia única de interação humana presente na praça. Essa vivência tornou-se o cerne da minha pesquisa, levando-me a revisitar o local e agregar as reflexões adquiridas ao longo do curso. Concluo está "jornada etnográfica" reiterando que a praça é muito mais do que um simples espaço físico; é um cenário vibrante de encontros, afetos e significados que permeiam as tramas sociais e culturais da nossa cidade-comunidade. A praça, portanto, pode ser vista como um agente facilitador da expansão da sociabilidade, onde se manifestam diversos padrões culturais que fundamentam as múltiplas formas de interação social, coexistindo num cenário urbano dinâmico.

Acredito firmemente que a profundidade do envolvimento emocional e a intimidade com o espaço estudado podem oferecer insights valiosos sobre as dinâmicas sociais, culturais e afetivas que permeiam não só essa praça, mas também outros locais semelhantes. Assim, espero que este estudo não apenas contribua para

uma compreensão mais aprofundada da Praça da Matriz, mas também sirva de inspiração para investigações futuras em diversos espaços urbanos, onde as relações humanas e as memórias emotivas desempenham papéis fundamentais na construção da identidade e da sociabilidade local.

## REFERÊNCIAS

ACHUTTI, L. E. R. . Fotos e palavras, do campo aos livros. *Studium*, Campinas, SP, n. 12, p. 5–16, 2019. DOI: 10.20396/studium.v0i12.11743. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/11743> . Acesso em: 9 nov. 2023.

ACHUTTI, Luiz Eduardo R. (2004). *Fotoetnografia da biblioteca jardim*. Porto Alegre: ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson, **Fotoetnografia: um Estudo de Antropologia Visual sobre o Cotidiano, Lixo e Trabalho**, Porto Alegre: Palmarinca, 1997.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1997.

ANDRADE, João. O reconhecimento do brega funk como movimento cultural do Recife: Cultura do movimento popular. **Revista Caboré**, v. 1, n. 6, p. 87–95, 2023.

ARAGÃO, José. História da Vitória de Santo Antão; **Da cidade da Vitória à Vitória de Santo Antão** (1843-1982) - II. Recife: [s. n.], 1983.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antônio da Costa Leal; Lídia do Valle Santos Leal. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BATESON, Gregory & MEAD, Margaret (1942). *Balinese character: a photographic analysis*. Nova York: New York Academy of Sciences.

BOURDIEU, Pierre e BOURDIEU, Marie-Claire (2006). “O camponês e a fotografia”, in **Revista de Sociologia e Política**, 26, p. 31-39.

CAVEDON, N. R. Fotoetnografia: a união da fotografia com a etnografia no descortinamento dos não ditos organizacionais. **O&S, Salvador**, v.12, nº35, 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/osoc/v12n35/a01v12n35.pdf> > Acesso em: 03 jun. 2019.

COELHO, D. (14 de 05 de 2011). Paróquia de Santo Antão em Vitória completa 300 anos de existência. **Site nossavitoriape.com** Disponível em: < <https://nossavitoriape.com/2012/03/parouquia-de-santo-antao-em-vitoria.html> >  
Acesso em: 03 jun. 2019.

COLLIER JR, John. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1973. (original de 1967 pela Holt, Rinehart and Winston)

COLLIER Jr. John (1973). Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa. Tradução de Iara Ferraz e Solange Martins Couceiro. São Paulo: EPU/Edusp.

DA MATTA, R. **O ofício de etnólogo ou como ter Anthropological Blues**. Rio de Janeiro: Boletim do Museu Nacional. Nova Série – Antropologia, nº 27, 1978, p. 1- 12.

\_\_\_\_\_. (1991), **A casa e a rua**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.

DUTRA, Rogéria; BERALDO DE OLIVEIRA, M.. **O novo olhar sobre a cidade: uma perspectiva histórica da antropologia urbana no Brasil**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Abi - Ciências Sociais) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Editora da UFRGS/Tomo Editora.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., vol 1., 1994.

\_\_\_\_\_. (1980). **Introdução à Sociologia**. Tradução Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Braga, Portugal: Editora Pax Limitada,

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FREITAS, P. V. C. D. . (2021). **DO CAOS À LAMA: UM RETRATO DA CIDADE DO RECIFE NO ÁLBUM DA LAMA AO CAOS**. Portal De Trabalhos Acadêmicos, 5(1).

Recuperado

de

<https://revistas.faculdedamas.edu.br/index.php/academico/article/view/1785>

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HILLMAN, James. **Cidade e alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

HONORATO, Manoel da Costa. **Dicionário topográfico, estatístico e histórico da província de Pernambuco**. SEC/PE,

INGOLD, Tim. "Antropologia não é etnografia". In: **Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

INS, Álvaro. **Memórias de Vitória**. 2ª ed. Recife: Massangana, 1980.

LYRA, Sérgio Paulo. **A rua, a praça, a feira e a matriz: o quadrilátero interiorano**. Paralelo 10. Disponível em: <https://ultimato.com.br/sites/paralelo10/2011/06/a-rua-a-praca-a-feira-e-a-matriz-o-quadrilatero-interiorano/>. Acesso em: 08 de novembro de 2023.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade**. São Paulo: Hucitec, 2003.

\_\_\_\_\_ (2000). **Rua, símbolo e suporte da experiência urbana**. (Artigo).

\_\_\_\_\_ (2002). **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n.49, p. 11-29, 2002.

MAIA, J.L.A. As novas formas de sociabilidade nos espaços urbanos contemporâneos. **Revista Contemporânea, UERJ/FCS**, v. 1.

MALDONADO, Maria Tereza. **O Bom Conflito**. São Paulo: Integrare, 2008.

Mendes, G. G. (2015). **O Rap contra o racismo: a poesia e a política dos Racionais Mc's. Animus**. Revista Interamericana De Comunicação Midiática, 14(27).  
<https://doi.org/10.5902/2175497717872>

PEIRANO, Marisa (2014). "**Etnografia não é método**". Espaço Aberto, Horizontes Antropológicos 20 (42).

PEREIRA DA COSTA, F. A. Anais Pernambucanos. Vol. X. Recife, **Arquivo Público Estadual**, p. 283.

PEREIRA, M. R. **O Cosmopolitismo às Avessas do Don L. O Gan Pazaan**. Disponível em: <https://oganzazan.com.br/o-cosmopolitismo-as-avessas-do-don-l/> . Acesso em: 11 de novembro de 2023.

PERES, Fabio de Faria et al. **A 'sensibilidade' de Simmel: notas e contribuições ao estudo das emoções**. RBSE 10 (28): 93-120, ISSN 1676-8965, abril de 2011.

PESAVENTO, S. J. (2005). Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista de História**, (153), 07-22.

ROSA, Gabriel Luis; DEVOS, R. V.; **A vida nas ruas e as formas de sociabilidade: estudo etnográfico das ressignificações do espaço urbano de Florianópolis (SC)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.

SÁ, Leonardo Damasceno de; SANTIAGO NETO, João Pedro de. Entre tapas e chutes: um estudo antropológico do baculejo como exercício de poder policial no cotidiano da cidade. **O público e o privado**, Fortaleza, n.18, p. 147-163, jul./dez. 2011.

SILVA, A. E. B. **Antropologia na cidade: uma etnografia das trocas e sociabilidades entre os feirantes e frequentadores da feira de Redenção-CE**. In: V REA e XIV

SILVA, Hilmaria Xavier . A Invenção de um Lugar: vivências e memórias da Favela da Cachoeira (Campina Grade, 1959-2006). 1. ed. Campina Grande: EDUFPG, 2015. v. 1.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_ (1979). A metrópole e a vida mental. In: Otávio Guilherme Velho (org. e introdução). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1973 (1º edição); 1989 (5º edição).

\_\_\_\_\_ (1971). **Estigma e comportamento desviante em Copacabana**. América Latina, 14(1/2):3-9.

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO. **Perfil da cidade Vitória de Santo Antão**. Site da prefeitura de Vitória, 3. Disponível em: < <https://www.prefeituradavitoria.pe.gov.br/portal/index.php/a-cidade/> >. Acesso em: 03 jun. 2019.

WAGNER, Roy. "A Presunção da Cultura". In A invenção da cultura. Ed. Cosac Naify, São Paulo, 2010.